



ENTRE MEMÓRIAS E COSMOGONIAS ANDINAS: *ROSA CUCHILLO* E O ATIVISMO LITERÁRIO DE ÓSCAR COLCHADO LUCIO

BETWEEN MEMORIES AND ANDEAN COSMOGONIES:
ROSA CUCHILLO AND THE LITERARY ACTIVISM OF
ÓSCAR COLCHADO LUCIO

Jirlaine Costa dos Santos¹
*Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura –
PPGLitCult/UFBA/FAPESB*

Carla Dameane Pereira de Souza²
*Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura –
PPGLitCult/UFBA*

Resumo: O Peru foi palco de inúmeros episódios de violência entre os anos de 1980 e 2000, período posteriormente denominado como Conflito Armado Interno (CAI). Esses acontecimentos marcaram profundamente a história do país e conseqüentemente a vida daqueles que foram vítimas de seus efeitos. Famílias foram devastadas, houve mortes em grande escala. Órfãos, viúvas e mulheres violentadas e muitos jovens sequestrados e assassinados. O CAI, que resultou em diversas mortes, sequestros e desaparecimento de pessoas é tema presente em diversas produções artísticas peruanas na atualidade. As experiências traumáticas sofridas pelos povos andinos, em especial as mulheres, está apresentada no romance *Rosa Cuchillo* (1997), do escritor peruano Óscar Colchado Lucio, com o qual dialogaremos neste trabalho. Analisaremos como este autor revisita o contexto de violência peruano como também enaltece a cultura andina, e suas manifestações ancestrais. Sendo assim, neste artigo serão apresentados alguns aspectos formais e

¹ Endereço eletrônico: jirlainefeliz@gmail.com.

² Endereço eletrônico: carladameane@gmail.com.

temáticos do romance *Rosa Cuchillo*, alguns deles frutos da pesquisa de mestrado³ em que realizei a análise do romance, relacionando-o à ação cênica homônima desenvolvida pelo grupo cultural *Yuyachkani*. Para o presente trabalho, teremos como base teórica Rita Segato (2012), Rocío Silva Santisteban (2017), Walter Benjamin (1987), Carla Dameane Pereira de Souza (2017), Edith Pérez Orozco (2011).

Palavras-chave: Memória; Conflito armado interno; Óscar Colchado Lucio; Mulher; Cosmogonia andina.

Abstract: Peru was the scene of numerous episodes of violence between the years 1980 and 2000, a period later known as Internal Armed Conflict (CAI). These events profoundly marked the history of the country and consequently the lives of those who were victims of their effects. Families were devastated, there were deaths on a massive scale. Orphans, widows and women raped and many young people kidnapped and murdered. The CAI, which resulted in several deaths, kidnappings and the disappearance of people, is a theme present in several Peruvian artistic productions today. The traumatic experiences suffered by Andean peoples, especially women, is presented in the novel *Rosa Cuchillo* (1997), by the Peruvian writer Óscar Colchado Lucio, with whom we will dialogue in this work. We will analyze how this author revisits the context of Peruvian violence as well as exalts the Andean culture and its ancestral manifestations. Therefore, in this article some formal and thematic aspects of the novel *Rosa Cuchillo* will be presented, some of them fruits of the master's research in which I carried out the analysis of the novel, relating it to the homonymous scenic action developed by the cultural group *Yuyachkani*. For the present work, we will have as a theoretical basis Rita Segato (2012), Rocío Silva Santisteban (2017), Walter Benjamin (1987), Carla Dameane Pereira de Souza (2017), Edith Pérez Orozco (2011).

Keywords: Memória; Conflito armado interno; Óscar Colchado Lucio; Mulher; Cosmogonia andina.

À memória de Óscar Colchado Lucio (1947-2023)

INTRODUÇÃO

Compreender a importância da literatura como suporte em que são representadas experiências traumáticas através da ficção ou de relatos baseados em fatos reais é algo que devemos destacar ao fazer referência às produções literárias contemporâneas. Pensar na literatura como porta voz de um mundo em

³ A pesquisa realizada durante o mestrado (2019) foi resultado da análise da tradução intersemiótica do romance *Rosa Cuchillo*, do escritor Óscar Colchado Lucio para a ação cênica homônima desenvolvida pelo grupo cultural *Yuyachkani*, em 2002. tendo o romance como base para a pesquisa, também relatei ao estudo os testemunhos das mulheres da ANFASEP- *Asociación Nacional de Familiares de Secuestrados, Detenidos y Desaparecido del Perú* - afetadas pela violência interna, em especial o relato de *Angélica Mendoza de Ascarza*, a Mamá Angélica.

crise e de suas especificidades é fundamental para entender a validade de suas narrativas.

É possível verificar nas páginas de um livro não somente relatos que merecem ser exaltados pelas histórias de conquistas narradas, mas também aqueles que necessitam ser rememorados ainda que estejam carregados de dor e sofrimento por parte de seus personagens.

O tema do Conflito Armado Interno – CAI⁴ ocorrido no Peru entre os anos de 1980-2000, fez-se e faz-se presente em diversas produções literárias peruanas, através do trabalho de vários autores. Sendo um assunto que marcou tão ativamente a história do país, ele está representado em algumas obras que expõem de forma marcante o protagonismo de sujeitos andinos, dando-lhes voz a partir do momento em que a história passa a ser narrada sob seu ponto de vista, sendo assim fortemente valorizados aspectos de sua cultura e também da língua quéchua.

Vemos isso no romance *Rosa Cuchillo*, de Óscar Colchado Lucio, na trajetória da personagem Rosa Wanka, representando as várias mulheres que perderam seus filhos para a violência política vivenciada durante o CAI e que buscavam por justiça e respostas sobre o destino de seus entes queridos, forçosamente sequestrados e não mais vistos.

Essas mulheres ficaram marcadas na história do país como símbolos de resistência e de busca por justiça. O autor Óscar Colchado Lucio concentra toda essa potencialidade feminina em seu romance, pois, através da ação de sua

⁴ O CAI foi um longo período de conflito armado no Peru (20 anos), no qual os membros do Partido Comunista do Peru, mais conhecido como Sendero Luminoso, enfrentaram as Forças Armadas do Estado com o intuito de impor os seus ideais. O conflito se intensificou nas regiões andinas do país, afetando principalmente a população camponesa, formada em sua maioria por indígenas falantes da língua quéchua. Segundo dados do Informe Final da Comissão da Verdade e Reconciliação instaurada no Peru (2001-2003), o CAI resultou na morte de 69 mil peruanos e peruanas, além de inúmeros desaparecimentos ocorridos naquele período.

personagem, é exaltado o protagonismo dessas mulheres que não se calaram diante da situação conflituosa e trágica em que estavam imersas.

Publicado em 1997, o romance *Rosa Cuchillo* traz em suas páginas uma narrativa carregada de elementos da ancestralidade andina, perpassados pelas consequências do CAI peruano. No livro, Colchado Lucio nos apresenta as trajetórias de Liborio e Rosa Wanka: ele tentando sobreviver forçosamente como guerrilheiro do Sendero Luminoso – SL e ela à procura do filho, numa viagem em que explora toda a cosmovisão andina, revelando-se parte dessa cosmovisão, pois segue a sua procura mesmo estando morta. Observa-se que cada um desses personagens principais do romance tem as suas vidas marcadas pelos efeitos da violência política, sendo esse o tema central juntamente com os elementos cosmogônicos andinos.

O romance *Rosa Cuchillo* expõe de maneira magistral a realidade vivenciada num passado histórico marcado pela dor e pela violência contra a população camponesa do Peru. E, através do livro, esse passado ganhou ainda mais visibilidade e força, pois evoca com grande expressividade esse triste episódio. Nas próximas seções do artigo, apresentaremos uma leitura do romance visando detalhar com mais profundidade alguns de seus aspectos temáticos e formais.

1 LITERATURA E COSMOGONIA ANDINA

Óscar Colchado Lucio, escritor peruano, nasceu em 1947, em *Huallanca*, região andina do Peru. Tendo falecido em 20 de janeiro de 2023, já produziu mais de 30 livros, entre eles: *Tras las huellas de lucero* (1980), *Cholito en los Andes mágicos* (1986), *Cholito en la ciudad del río hablador* (1995), *¡Viva Luis Pardo!* (1996), *Los dioses de Chavín* (1998) e *Cholito en la maravillosa Amazonía* (1999). Escreveu os contos *Del mar a la ciudad* (1981), *Cordillera negra* (2005), *Camino de zorro* (1987) e *La casa del*

cerro El Pino (2003). A temática andina sempre esteve presente em suas produções que estão voltadas, também, para o público infantil.

Sua narrativa está sempre permeada pela cosmogonia andina, exaltando as suas crenças, a língua quéchua, histórias fantásticas, costumes e hábitos provenientes da ancestralidade peruana. O autor revela em seus livros um comprometimento social e político com o seu país, pois, além de introduzir nas suas narrativas o caráter mítico-religioso presente em sua cultura, trata do CAI e da repressão violenta que abalou o país por vinte anos. Entre suas obras encontramos grande número de livros voltados para o público juvenil, nos quais seus personagens também estão imersos na cultura andina, provocando desde cedo, em seus pequenos leitores, a inserção deles na literatura.

Podemos destacar o importante ativismo social e político de Colchado Lucio através de suas obras. A produção literária do autor não está voltada apenas para a ação mercadológica. Não se mostrava preocupado em produzir seus livros em nome de uma determinada elite ou atendendo ao *status* social, como acontece com alguns autores que escrevem de fora, com um olhar distante daquilo que narram. Pelo contrário, o autor identifica-se com aquilo que narra, pois fala do seu lugar, da sua cultura, das questões vivenciadas em seu país, sendo um escritor andino.

Diante disso, podemos compará-lo com o “escritor operativo” de Walter Benjamin (1987), aquele que tem como “missão não apenas relatar, mas combater, não ser espectador, mas participante ativo” (BENJAMIN, 1987, p. 123). Ou seja, trata-se de um autor que opera no contexto da literatura nacional peruana comprometido em trazer para os seus leitores uma perspectiva regional, o sujeito andino como um ser repleto de valores culturais, imerso em elementos ancestrais dos quais o autor também compartilha, como também se solidarizando com os afetados pelo conflito, denunciando em suas páginas a violência vivida por eles.

Com isso, é possível estabelecermos a noção de que o autor realiza através de suas narrativas uma reivindicação representativa, sendo um escritor andino que assume esse lugar de enunciação trazendo personagens e conflitos presentes no universo – cultura e cosmogonias andinas. Ao ler as suas obras, os leitores terão um vislumbre das vivências e opressões passadas pelos sujeitos andinos.

O romance *Rosa Cuchillo* traz em suas páginas o relato de uma mãe, Rosa Wanka, mulher que tem a sua vida destruída após o seu filho Liborio seguir os membros do SL, a fim de lutar com eles a favor de seus ideais, em oposição ao Estado. Diante de tamanha dor pela perda do filho, após deparar-se com corpos mutilados, diante de tanto horror provocado pela violência política instalada na região de *Ayacucho*, onde viviam, Rosa não suporta o sofrimento e acaba morrendo de angústia. Assim, ela passa a vagar pelo mundo dos mortos a procura da alma do filho e nesse lugar reencontrará seu cão *Wayra*⁵, que irá lhe acompanhar durante toda a sua peregrinação:

Bien abrazada a *Wayra*, que braceaba dificultosamente, pude llegar por fin a la otra orilla, sin dejar de pensar en mi Liborio, muerto ahora último nomás en los enfrentamientos de la guerra, y por quien de pena yo también me morí. (COLCHADO LUCIO, 1997, p. 12)⁶⁻⁷

Após isso, encontra-se no mundo dos mortos, ainda à procura da alma do filho e é nesse local que empreenderá uma longa jornada, na qual serão exaltados os diversos elementos da cosmogonia andina, destacados pelo autor: *Ukhu Pacha*

⁵ Na língua quéchua *Wayra* quer dizer “vento”, o que remete o cão às características desse movimento do ar, que se locomove e com ele pode levar e trazer coisas, que pode ser suave e revoltoso, que tem o poder de refrescar o clima, bater janelas, derrubar objetos etc. Uma entidade natural na cosmogonia andina, com poderes e ações tangíveis ao ser humano.

⁶ Todas as citações em espanhol apresentadas neste artigo foram traduzidos para a língua portuguesa pela autora do artigo.

⁷Bem abraçada a *Wayra*, que nadava com dificuldade, pude chegar por fim a outra margem, sem deixar de pensar em meu Liborio, recentemente assassinado nos enfrentamentos da guerra, e por quem de tristeza também eu morri (COLCHADO LUCIO, 1997, p. 12)

(mundo inferior), *Janaq Pacha* (céu), *Cavillaca* (deusa da mitologia andina), *Gápaj* (o criador do universo) etc.

Pensando nas especificidades presentes na cultura andina e de sua grande relevância para este artigo, seguimos a noção de “sujeito andino”, apresentada por Carla Dameane Pereira de Souza (2017), em que a autora apresenta o termo “andino” para referir-se aos habitantes que vivem na região geográfica andina do Peru, provenientes do *Tawantinsuyo* Inca, em lugar do termo “índio” ou “indígena”, que faz alusão ao processo de colonização, sendo assim associado à ideia de subalternização desses sujeitos. Dessa forma, é possível pensarmos na literatura andina como o local onde esses sujeitos e toda a conjuntura em que estão imersos serão representados, principalmente os elementos que fazem parte de sua ancestralidade.

Diante disso, consideramos o romance *Rosa Cuchillo* como pertencente à narrativa andina, pois, além de ter como pano de fundo a temática da violência política vivida no Peru, expõe uma narrativa heterogênea com elementos da oralidade andina e sistemas de escritura que “[...] incluye elementos intertextuales provenientes de las manifestaciones culturales de la tradición quechua (narraciones orales, danzas y música).”⁸ (PÉREZ OROZCO, 2011, p. 45).

A cultura andina quéchua está presente em todo repertório literário de Colchado Lucio, mas em *Rosa Cuchillo* além de trazer à memória o lamentável episódio de violência e opressão política em seu país, o autor enaltece os costumes andinos em seus aspectos mais relevantes, fazendo assim que seu leitor conheça e reflita sobre essa ancestralidade. Sobre isso afirma Edith Pérez Orozco que,

Rosa Cuchillo, es una novela donde se relacionan la violencia terrorista y el mundo mítico andino. En ella se percibe la cosmovisión del pensamiento

⁸ “[...] incluem elementos intertextuais provenientes das manifestações culturais da tradição quéchua (narrações orais, danças e música).” (PÉREZ OROZCO, 2011, p. 45).

andino associada a la violencia, lo cual hace posible observar la forma cómo está representada la construcción de la realidad por parte de la cultura quechua.⁹ (PÉREZ OROZCO, 2011, p. 21).

Percebemos, assim, que a forte presença dessa cosmovisão se faz notória em todo o romance em que todas as expressões referentes à cosmogonia andina, em língua quéchua, estão apresentadas ao final do livro, na forma de um glossário no qual os leitores podem encontrar seus significados e se familiarizar com o universo simbólico nele presente.

A narrativa *Rosa Cuchillo* está localizada, a princípio, ao sul de *Ayacucho*, na região de *Illaurocancha*. Nesse lugar vive a personagem principal e sua família até Liborio seguir os senderistas e decidir fazer parte da guerra. A personagem morre em consequência de um ataque de nervos “[...] Ella se convulsionaba y apretaba los dientes botando espumarajos [...]”¹⁰ (COLCHADO LUCIO, 1997, p. 234), desencadeado após ela presenciar o local onde seu filho provavelmente fora assassinado, local esse que ainda expõe os restos mortais de pessoas sequestradas e assassinadas durante o conflito: “Parte parte se veían jirones de ropa, sangre salpicada por las rocas, sobre la paja; mechones de pelos, tripas desparramadas como hilos, pedazos de costillas blanqueando”¹¹ (COLCHADO LUCIO, 1997, p. 233).

Depois de sua morte, Rosa passa a habitar o mundo dos mortos, no qual, segundo a cosmogonia andina, é um dos lugares onde vivem as divindades e seres fantásticos. A narrativa é composta por capítulos curtos, nos quais estão

⁹ *Rosa Cuchillo* é uma novela onde se relacionam a violência terrorista e o mundo mítico andino. Nela se percebe a cosmovisão do pensamento andino associada à violência, o qual faz possível observar a forma como está representada a construção da realidade por parte da cultura quéchua.⁹ (PÉREZ OROZCO, 2011, p. 21).

¹⁰ “... Ela convulsionava e apertava os dentes, espumando pela boca [...]” (COLCHADO LUCIO, 1997, p. 234).

¹¹ “Por parte se viam pedaços de roupa, sangue salpicado pelas rochas, sobre a palha; mechas de cabelos, tripas esparramadas como fios, pedaços de costelas ao sol” (COLCHADO LUCIO, 1997, p. 233).

intercalados a trajetória de martírio empreendida respectivamente por Rosa e seu filho Liborio.

Esses capítulos estão separados por pequenos espaços em branco, sem numerações ou tópicos. Os personagens principais são Rosa Cuchillo, seu cão *Wayra* e Liborio. Paralelamente a eles estão alguns personagens secundários como os seres sobrenaturais e divindades que habitam o mundo dos mortos com Rosa e também os componentes guerrilheiros do SL, que estão junto a Liborio.

O filho de Rosa Cuchillo, produto da busca incessante da personagem, é apresentado nas primeiras páginas do romance já em meio ao grupo que o levou para a guerra interna.¹² Ele mesmo é quem apresenta a maneira como foi levado de casa, segundo a narração:

— ¿Liborio? ¿Liborio Wanka?

— Sí, jefes, ¿en qué nomás puedo servirles?

Te pidieron tus papeles. Sólo la boleta de tu libreta militar la tenías, bien dobladita en el bolsillo de tu camisa. Después de mirarla fijamente, uno de ellos dijo:

— Nos acompañas. Estás con orden de detención.

— ¿Yo, taitas?

— Sí, tú, por vender ganado robado.

No, papitos, tus recibos tenías, se los mostrarías.

Quisiste buscar la bolsita plástica que había en tu alforja. No te dejaron. Fueras nomas, ya en la detención verían. Entonces tuviste que marchar delante de ellos, rezándole muy bajo al illa - el torillito de piedra que a manera de medalla lo llevabas ollcao en el cuello -, pidiéndole que te ayudara en caso de haber problemas. [...] Estás pálido y silencioso. ¿Alguien te habrá acusado de terrorista? ¿Te iban a matar acaso? ¿Por qué te han hecho bajar en ese paraje desolado? [...] Por fin caes en la cuenta. Y comprendes ante

¹² Nesse trecho da narrativa a situação vivida por Liborio aparenta ser a de um suposto sequestro, porém, mais adiante, a narrativa revela que ele já participava com seus colegas das reuniões do SL e estava ciente dos objetivos do grupo. Sendo assim, Liborio opta por permanecer com os senderistas juntamente com os seus companheiros de escola que lá estão, ainda que preocupado com a sua mãe que irá sofrer muito por seu desaparecimento: “Si tu madre supiera, Liborio, en lo que andas metido, piensas, ¿qué diría? A estas alturas ella debe estar ya extrañándote, nerviosa, preocupada por tu demora. [...] pero, no le confiarías nada todavía de tu compromiso con la guerra...” (COLCHADO LUCIO, 1997, p. 48)

quiénes estás. Sí, guerrilleros del Partido Comunista del Perú, “Sendero Luminoso”. (COLCHADO LUCIO, 1997, p. 18-19).¹³

Assim, nos é exposta, logo de início, a problemática instalada na vida de Rosa Cuchillo, pois a partir desse episódio ela tem o seu destino marcado pela dor e pelos rastros da violência de um longo período de conflito em seu país e é mediante isso que nos é apresentada a cosmogonia andina.

2 RESISTÊNCIA FEMININA EM MEIO A VIOLÊNCIA

Para prosseguir com nossas reflexões, propomos analisar o título que nomeia o romance *Rosa Cuchillo*. O autor nos apresenta a personagem Rosa Wanka que, além de representar o momento violento vivenciado por várias mulheres camponesas que viviam nas regiões andinas do país naquela época, expõe também a vulnerabilidade vivida por muitas dessas mulheres que, em sua juventude, sofreram assédio, abusos e violência sexual por parte de homens que viviam nas comunidades, mas também por parte de seus próprios companheiros. O autor exemplifica no romance a situação delicada enfrentada pelas mulheres andinas através do relato de Rosa, caracterizada como uma camponesa que bem

¹³ “ – Liborio? Liborio Wanka?

– Sim chefes, em que posso servi-los?

Pediram a ele os papeis. Somente tinha a caderneta militar, bem dobrada no bolso de sua camisa. Depois de olhá-la fixamente, um deles disse:

– Nos acompanhe. Está com ordem de prisão.

– Eu, senhores?

– Sim, você, por vender gado roubado.

– Não senhores. Tinha os recibos e os mostraria.

Quis buscar a bolsa plástica que havia em seu alforje. Não deixaram. Fora, na detenção, veriam. Então teve que caminhar diante deles, rezando muito baixo ao *illa* – pedrinha que como medalha levava no pescoço – pedindo que lhe ajudasse caso houvesse problemas. [...] Está pálido e silencioso. Alguém o havia acusado de terrorista? Acaso iriam matá-lo? Porque o haviam trazido a esse lugar desolado? [...] Por fim se dá conta. E compreende diante de quem está. Sim, guerrilheiros do Partido Comunista do Peru, Sendeiro Luminoso.” (COLCHADO LUCIO, 1997, p. 18-19)¹³

cedo perde seus pais e assim tem que deixar a sua terra devido aos constantes assédios que sofria:

¹⁴[...] yo, que empezaba a hacerme señorita, viendo que los jóvenes y hasta los hombres adultos me perseguían, enamorándome aquellos y ofreciendo dejar a sus mujeres y casarse conmigo estos, y siendo consciente de que las mujeres me miraban envidiosas y celosas, fue que decidí retirarme del pueblo e irme a vivir a nuestra choza [...] donde me dediqué al pastoreo de nuestras ovejas y al de algunas personas que me cargaron a cambio de alimentos. Allí vivía yo solo acompañada de nuestros perros.” (COLCHADO LUCIO, 1997, p. 34, 35).¹⁴

Percebe-se, aqui, que Rosa vivia, assim como os demais camponeses das regiões andinas, em condições sociais precárias e expostos aos abusos que as mulheres tinham que suportar naquelas condições, sendo elas marcadas pela diferença étnica e com pouca ou nenhuma escolaridade. Diante disso, nos é revelada a estratégia usada pela personagem para lidar com as situações de assédio que lhe eram impostas:

en las noches, dormía con un cuchillo al alcance de mi mano, bien plantado al centro de una cruz dibujada en el suelo, tal como una vez escuché decir que eso era bueno para espantar a los malos espíritus [...] No solo sirvió para ahuyentar a los espíritus malos, sino también para contener a los hombres que varias veces intentaron abusarme...¹⁵ (COLCHADO LUCIO, 1997, p. 35).

Esse fragmento nos ajuda a compreender que, mesmo Rosa Wanka sofrendo esse assédio, tem-se lugar também para a resistência, mostrando, assim,

¹⁴[...]eu, que começava a tornar-me moça, vendo que os jovens e até os homens adultos perseguiram-me, apaixonando-se aqueles e supondo estes deixar as suas mulheres e casar-se comigo [...], foi que decidi sair do povoado e ir viver em nossa cabana [...] onde me dediquei ao pastoreio de nossas ovelhas e ao pastoreio das ovelhas de algumas pessoas que me encarregaram disso em troca de alimentos. Ali eu vivia somente na companhia de nossos cães. (COLCHADO LUCIO, 1997, p. 34, 35).

¹⁵ Durante a noite, dormia com uma faca ao alcance de minha mão, bem enfiada no centro de uma cruz desenhada no chão, tal como uma vez escutei dizer que isso era bom para espantar aos maus espíritos. [...] Não só serviu para afugentar os espíritos maus, senão também para conter os homens que várias vezes tentaram violar-me “(COLCHADO LUCIO, 1997, p. 35)

que não havia uma passividade por parte dela diante da situação difícil em que vivia.

Podemos verificar que o autor Colchado Lucio já inicia o seu livro expondo a situação de vulnerabilidade e violência vivenciada por Rosa Cuchillo. Em nossa leitura, consideramos que se trata de uma situação que poderia ter sido vivida por várias mulheres no Peru, principalmente nas regiões andinas do país¹⁶, porém não outorgamos a essas uma posição passiva diante do abuso, pois sinalizamos a luta empreendida por elas que, tal como Rosa Cuchillo, tentam resistir, à sua maneira, a fim de defenderem os seus corpos da violência patriarcal.

Torna-se importante, aqui, compreendermos a relevância do tema do patriarcado, pois ele está fortemente relacionado ao preconceito vivenciado pelas mulheres tanto no Peru quanto em nossa sociedade de modo geral. Segundo Rita Segato (2012), “a humanidade testemunha hoje um momento de tenebrosas e cruéis inovações na forma de vitimar os corpos femininos e feminizados, uma crueldade que se difunde e se expande sem contenção.” (SEGATO, 2012, p. 108). A construção da ideia de que somente o homem é capaz de estar à frente da família e do poder tem como consequência o machismo, a humilhação e a desvalorização feminina ao longo dos séculos, e ainda hoje é responsável pela crescente violência que leva a morte de inúmeras mulheres. A figura do pai, do chefe de família, outorgou à mulher uma posição subalterna, em que apenas lhe cabia o papel de mãe e esposa, sendo ela incapaz de se sobrepor e ter a sua voz considerada.

¹⁶ De acordo com dados apresentados no Relatório Final da CVR, as mulheres afetadas pela violência sexual provinham das camadas mais pobres da sociedade peruana, sendo em sua maioria analfabetas e falantes do quéchua (75%), de origem rural (83%), camponesas (36%) ou donas de casa (30%). “Dicho de otro modo, fueron las peruanas más excluidas, y por lo tanto desprotegidas, las que sufrieron con mayor intensidad la práctica de la violación sexual.” (CVR, 2003, p. 276, vol. VI, capítulo 1.5).

Vemos, no contexto peruano, que a presença do machismo é algo constante, principalmente quando se refere às mulheres camponesas. A opressão aos seus corpos durante o período do CAI evidencia esse fato, pois a noção do patriarcado aliada à imagem de poder deu-se de forma intensa através da atuação dos militares que, em nome do Estado, agiram de forma cruel com as mulheres que, devido à sua condição étnica e social, já eram vistas com descaso pelas autoridades e pela sociedade urbana do país.

A autora Rocío Silva Santisteban (2017) afirma que a sociedade peruana convive em meio a um constante preconceito étnico/racial caracterizado por ela como “patriarcado dependente”: a discriminação sofrida pelos habitantes do campo e interior do Peru pelos habitantes da cidade.

El machismo de la ciudad y del mundo rural se cruza también con otras formas de segregación como el desprecio y racismo de los sectores de la ciudad hacia los varones y mujeres del campo, es decir, aquello que hemos denominado patriarcado dependiente. (SILVA SANTISTEBAN, 2017, p. 74).¹⁷

A autora compara essa relação conflituosa entre moradores do campo e da cidade com o machismo decorrente do patriarcalismo, vivenciado pelas mulheres, pois da mesma forma que a elas é dada uma posição de subalternidade em relação aos homens, assim são caracterizadas as populações indígenas em relação aos habitantes dos centros urbanos.

O tema da violência patriarcal, acompanhada pelo machismo estrutural está tão marcado no romance que a constante resistência empreendida pela personagem possibilitou que passasse a ser conhecida pelo nome de Rosa *cuchillo*

¹⁷ O machismo da cidade e do mundo rural se cruza também com formas de segregação como o desprezo e o racismo dos setores da cidade aos homens e mulheres do campo, quer dizer, aquilo que temos denominado patriarcado dependente.” El machismo de la ciudad y del mundo rural se cruza también con otras formas de segregación como el desprecio y racismo de los sectores de la ciudad hacia los varones y mujeres del campo, es decir, aquello que hemos denominado patriarcado dependiente. (SILVA SANTISTEBAN, 2017, p. 74).

(faca), sendo esse o instrumento de defesa utilizado por ela, moça solteira, diante das investidas masculinas em querer possuir o seu corpo. Isso possibilitou à personagem uma imagem de poder, pois era do conhecimento de todos que se tentassem assediá-la, de alguma forma seriam repelidos: “Desde entonces, los hombres me miraban con una mezcla de temor, admiración y respeto. La gente dejó de llamarme *Rosa Wanka* para nombrarme con el mote de *Rosa Cuchillo*.”¹⁸ (COLCHADO LUCIO, 1997, p. 35, grifo nosso). Dessa maneira a personagem narra as situações em que teve que enfrentar os homens com seu *cuchillo*, mostrando sua luta e resistência para proteger o seu corpo, um corpo feminino que está constantemente marcado pelo imaginário masculino como um objeto a ser manipulado, de acordo com os seus desejos.

Dados colhidos pela CVR – Comissão da Verdade e Reconciliação do Peru, mostraram que várias mulheres foram vítimas de violência sexual por parte dos membros das Forças Armadas do Estado, como também pelos guerrilheiros¹⁹. Essa prática deplorável foi o principal meio de tortura utilizado contra as mulheres, como uma forma de destruir a sua autoestima, subjugando o seu corpo a uma situação humilhante. Para essas mulheres não foi possível demonstrar resistência, pois não tinham a quem pedir ajuda dado que a maior parte de seus

¹⁸ “Desde então, os homens me olhavam com uma mescla de medo, admiração e respeito. O povo deixou de chamar-me *Rosa Wanka* para nomear-me como *Rosa Cuchillo*.” (COLCHADO LUCIO, 1997, p. 35).

¹⁹ Segundo a CVR, “com relação aos agressores, tratou-se tanto dos agentes do Estado como dos integrantes do SL e do Movimento Revolucionário Túpac Amaru (MRTA), ainda que em diferentes magnitudes. Neste sentido, aproximadamente 83% dos atos de violação sexual são atribuídos ao Estado e aproximadamente 11% corresponde aos grupos subversivos (SL e MRTA). Se bem que estes dados marcam uma maior responsabilidade do Estado nos atos de violência sexual, é importante entender que os grupos subversivos foram responsáveis por atos como aborto forçado, casamentos forçados, servidão sexual.

Con relación a los perpetradores, se trató tanto de los agentes del Estado como de los integrantes de Sendero Luminoso y del MRTA, aunque en diferentes magnitudes. En este sentido, alrededor del 83% de los actos de violación sexual son imputables al Estado y aproximadamente un 11% corresponden a los grupos subversivos (Sendero Luminoso y el MRTA). Si bien estos datos marcan una tendencia importante de la mayor responsabilidad del Estado en los actos de violencia sexual, es importante tener presente que los grupos subversivos fueron responsables de actos como aborto forzado, unión forzada, servidumbre sexual. (CVR, 2003, vol. VI, capítulo 1.5).

abusadores pertencia à autoridade policial do país. No romance, narra-se o momento em que Rosa Cuchillo presencia a situação de violência sexual vivida por algumas mulheres levadas pelos militares, que não consideravam suas condições físicas e nem as suas idades:

Pasado el mediodía, Rosa vio como los militares sacaban a las mujeres, a las más jóvenes, entre ellas a Clara Tincopa y a Leonida Ricse. También a Anita Chapiliquén, **que estaba embarazada**, y a Rosalía Janampa, **una niña de doce años**. Arrastrando las llevaron hasta unos matorrales, y allí las violaran. Ella llorando, oía sus gritos en el viento que subía del río.²⁰ (COLCHADO LUCIO, 1997, p. 151, grifo nosso).

Percebemos, assim, a difícil situação vivenciada por essas e outras mulheres que não tinham como resistir a tanta violência. Além da dor da perda de seus familiares e da incerteza sobre os seus reais destinos elas tinham que conviver constantemente com um clima de barbárie e humilhação, a partir do momento em que não possuíam o controle sobre os seus corpos. Essas mulheres foram *simbolicamente basurizadas*²¹, ou seja, tiveram os seus corpos transformados em algo sem nenhum valor, tal como a *basura* (lixo), coisa desprezível que deve ser descartada.

La basurización, por lo tanto, es un proceso, un accionar en relación con algún objeto o sujeto, e implica un grado de pasividad del objeto o sujeto que se negaría, si pudiera, a convertirse en desecho por efecto de sentido.²² (SILVA SANTISTEBAN, 2008, p. 61).

²⁰ Passado o meio-dia, Rosa viu como os militares puxavam as mulheres, as mais jovens, entre elas a Clara Tincopa e a Leonida Ricse. Também a Anita Chapiliquén, **que estava grávida**, e a Rosalia Janampa, **uma menina de doze anos**. Arrastando-as levaram-nas ao matagal e ali as violentaram. Ela chorando, ouvia seus gritos no vento que subia do rio. (COLCHADO LUCIO, 1997, p. 151, grifo nosso).

²¹ Termo utilizado por Silva Santisteban para falar sobre as relações de poder empreendidas sobre os corpos das mulheres durante o período de conflito armado no Peru, quando estas eram tratadas como lixo, *basura*. (SILVA SANTISTEBAN, 2008).

²² A *basurização*, portanto, é um processo, uma ação em relação a algum objeto ou sujeito e implica um grau de passividade do objeto ou sujeito que se negaria, se pudesse, a converter-se em descartável por efeito de sentido. (SILVA SANTISTEBAN, 2008, p. 61).

Assim, vemos que esses corpos foram violentados de maneira cruel, somente com o propósito de causar o sofrimento dessas vidas ainda em formação (a criança de 12 anos e aquela ainda no ventre materno). A impossibilidade dessas mulheres de resistir, certamente contribuía para a coisificação de seus corpos. Rosa Cuchillo presenciou esse episódio numa perspectiva testemunhal, pois a personagem já se encontrava morta ao relatar a violência vivida por estas mulheres.

É interessante observarmos que, durante o CAI, foi possível perceber que apesar de que as mulheres foram afetadas pela violência sexual e simbólica, algumas delas não foram somente afetadas, uma vez que também foram agentes da violência. Foi notória a participação de várias mulheres nos grupos guerrilheiros, o que possivelmente teria como propósito mostrar que eram capazes de lutar e expor a sua voz na revolução proposta.²³

Do ponto de vista da cosmovisão andina, aspecto de semelhante importância no romance *Rosa Cuchillo* é o fato do autor estruturar na narrativa a cosmovisão andina quéchua que exalta fortemente a figura feminina, dando-lhe assim grande relevância, principalmente pela condição maternal da qual essa pode usufruir: “A mulher, em todo caso a divindade feminina, se vincula com a manutenção do gênero humano que gesta a vida.”²⁴ (PÉREZ OROZCO, 2011, p. 200).

Vemos isso através da *Pachamama*, uma divindade feminina que simboliza a mãe terra e seu poder de sustentar a vida e os seres que nela habitam através dos seus frutos. Nesse sentido, Juan Ansión (1987) afirma que a *Pachamama*

²³ Informações sobre a ação feminina em grupos guerrilheiros durante o CAI encontra-se disponível em: <https://lum.cultura.pe/cdi/tesis/arte-mujer-y-propaganda-politica-narrativas-y-reconfiguraciones-de-genero-en-el-pcp-sl> Acesso em: 29 mar. 2023.

²⁴ “A la mujer, en todo caso a la deidad femenina, se le vincula con el mantenimiento del género humano que gesta la vida.” (PÉREZ OROZCO, 2011, p. 200).

[...]simboliza la tierra. Es conocida en el mundo andino como la madre del mundo, madre tiempo-espacio. Representa la maternidad y la totalidad de un mundo y una época. Esta figura sobrenatural es la divinidad contemporánea más importante en los Andes.”²⁵ (ANSIÓN, 1987 apud PÉREZ OROZCO, 2011, p. 117).

Esse poder gerador da vida e a relação entre mãe e filho são estabelecidos pela relação de Rosa e Liborio, pois, para ela, o seu filho era o seu maior anelo durante toda a sua jornada. Logo após o desaparecimento dele, a personagem Rosa Cuchillo não suporta a angústia de sua partida e acaba morrendo. A partir desse momento nos é apresentado o universo cosmogônico andino, pois Rosa, já morta, passa a empreender uma longa caminhada a procura de Liborio, tendo ela a certeza de ter ele sido morto na guerra interna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ROSA CUCHILLO E OS ECOS DE VOZES FEMININAS NO PERU

O romance de Colchado Lucio serviu como base e inspiração para o Grupo Cultural *Yuyachkani*, em 2002, desenvolver a ação cênica *Rosa Cuchillo*²⁶, na qual a atriz Ana Correa dá vida a esta personagem, dando ênfase a cosmovisão presente no livro através de uma performance que envolve canções andinas, danças e ritualidade.

Ana Correa leva a sua representação de Rosa Cuchillo a voz das várias mães andinas que vivenciaram o período do CAI, pois também carrega consigo o testemunho das mulheres da ANFASEP, lideradas por Angélica Mendoza, popularmente chamada de Mamá Angélica. A importante ação da ANFASEP,

²⁵ [...] simboliza a terra. É conhecida no mundo andino como a mãe do mundo, mãe tempo-espço. Representa a maternidade e a totalidade de um mundo e uma época. Esta figura sobrenatural é a divindade contemporânea mais importante nos Andes. (ANSIÓN, 1987 apud PÉREZ OROZCO, 2011, p. 117).

²⁶ A ação cênica *Rosa Cuchillo*, produzida pelo Grupo *Yuyachkani*, está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i7U9NsRpjXc&t=1633s> Acesso em: 23 jun. 2023.

grupo de mulheres camponesas, igualmente afetadas pelo CAI, evidencia mães que cobram justiça e reparação do Estado diante do desaparecimento e morte de seus filhos.

O romance *Rosa Cuchillo* reflete essa situação quando traz ao público o episódio violento vivenciado por essas mães que, à semelhança de Rosa Wanka, ainda hoje procuram os “Liborios” que lhes foram tomados.

Sob a liderança de Angélica Mendoza Ascarza, a Mamá Angélica ANFASEP surgiu em meio à guerra interna, logo após seu filho Arquímedes Ascarza ser levado de casa por membros do Exército peruano na madrugada de 1983. Em sua constante procura pelo filho, Mamá Angélica presenciava outras mulheres que também buscavam desesperadas por seus familiares desaparecidos: “Así, al no poder encontrarlo, “¿Qué voy a hacer?” Diciendo, camino gritando, llorando en las calles. Otras señoras también caminan así...”²⁷ (ASCARZA, 2002).

Mamá Angélica, como a matriarca e grande líder da ANFASEP, alcançou em vida a certeza sobre o que havia acontecido com seu filho e a punição de seus algozes. Em agosto de 2017, já com a saúde debilitada, recebeu a notícia de que os dois militares responsáveis pela execução de seu filho no quartel *Los Cabitos*²⁸ (local para onde ela sabia ter sido ele levado e que por tantas vezes se arriscou indo até lá para procurá-lo), foram sentenciados a 23 e 30 anos de prisão. Dez

²⁷“Assim, ao não encontrá-lo me pergunto: O que vou fazer? Caminho gritando, chorando pelas ruas. Outras senhoras também caminham assim...” Citação retirada do testemunho dado por Angélica Mendoza Ascarsa, durante as Audiências Públicas realizadas pela CVR. Mama Angélica fez o seu relato em quéchua, disponível no site da CVR em: <http://www.cverdad.org.pe/apublicas/audiencias/trans_huamanga02a.php>. Acesso em: 25 mar. 2023. A transcrição do testemunho para o castelhano está disponível no site do LUM– Lugar de la Memoria, em: <<http://lum.cultura.pe/cdi/video/mendoza-de-ascarza-ang%C3%A9lica>>. Acesso em 25 mar. 2023.

²⁸Segundo dados apresentados no Relatório final da CVR/PE, o quartel “Los Cabitos” (Cuartel Nº 51, em Huamanga), ficou conhecido como maior centro de assassinatos, prisões arbitrárias, tortura e violação aos direitos humanos entre os anos de 1983-85. (CVR/PE, 2003, cap. 2.9, Vol. VII)

dias após a divulgação da sentença, Mamá Angélica faleceu em *Ayacucho*, aos 88 anos de idade.

A longa trajetória percorrida por Rosa Cuchillo, na ficção de Colchado Lucio é um reflexo do drama vivenciado por Mamá Angélica e as demais mães que fazem parte da ANFASEP. No romance, o autor reuniu o clamor desesperado dessas mulheres andinas, sendo esse associado aos elementos da sua cosmovisão.

O romance *Rosa Cuchillo* pode ser considerado como um instrumento de denúncia, pois, através dele, são expostas situações vividas por aqueles que sofreram as violações aos direitos humanos, e que viveram na pele as terríveis consequências do CAI. Sendo instrumento literário com o intuito de representar em suas páginas cada experiência vivenciada pelos peruanos e peruanas, essa obra traz também consigo a preocupação com a valorização da memória de um contexto político exemplar que não deve ser esquecido.

Ao trazer à luz do debate as políticas de memória e estes episódios violentos, Óscar Colchado Lúcio, comprometido com a cultura de seu país, atuou ativamente. Ainda que por meio da ficção, procurou dialogar e ir ao encontro de milhares de pessoas afetadas pelo conflito e também as não afetadas que, através da literatura podem refletir sobre essa experiência.

REFERÊNCIAS:

ANFASEP - Asociación Nacional de Familiares de Secuestrados, Detenidos y Desaparecidos del Perú. Disponível em: < <https://anfasep.org/> >. Acesso em: 25 mar. 2023.

BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COLCHADO LUCIO, Oscar C. *Rosa Cuchillo*. Santillana: Lima, 1997. (Série Roja – Alfaguara)

COMISSÃO DA VERDADE E RECONCILIAÇÃO – PERU. Disponível em: <<http://www.cverdad.org.pe/ifinal/>>/<<http://www.cverdad.org.pe/ifinal/>>. Acesso em: 25 mar 2023.

PÉREZ OROZCO, Edith. *Racionalidades en conflicto: cosmovisión andina (y violencia política)* en Rosa Cuchillo de Óscar Colchado. 1. ed. Lima: Pakarina Ediciones, 2011.

SANCHEZ FERRER, J.L. *El realismo Mágico en la novela Hispanoamericana*. Madrid: Anaya, 1990.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *e-cadernos CES*, n. 18, p. 106 – 131, 2012.

SOUZA, Carla Dameane Pereira de. *A encenação do Sujeito e cosmogonia andinos: César Vallejo e Yuyachkani*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

SILVA SANTISTEBAN, Rocío. *Mujeres y conflictos ecoterritoriales*. Impactos, estrategias, resistencias. Lima: Biblioteca Nacional del Perú, 2017.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 31 de março de 2023.

Aprovado em sistema duplo cego em: 13 de junho de 2023.